



O Espelho

Jornal dos Funcionários do Banco do Brasil | Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro | Julho 2025

Direção, pessoas e números

Os funcionários do BB vivem envoltos em dilemas, dentre os quais podemos destacar: “somos públicos ou privados?”, “somos bancários ou vendedores?”, “qual Conexão? O da carteira, o da agência ou o das Superintendências?”, “Qual mobilizador? Consórcio, seguridade ou aquele que tem mais de sete direcionadores?”, “É um mobilizador ou um Conexão dentro do outro?”.

Como quem sai aos seus não degenera, acreditamos que Tarciana Medeiros, funcionária de carreira do BB, que nunca negou suas origens, possa ter chegado ao topo do encarecimento também com alguns dilemas. E, talvez, no início de sua gestão, possa ter se perguntado: O BB é o Banco “do” Brasil ou mais um banco que está “no” Brasil?

Atender aos interesses do mercado ou dos brasileiros?

Mercado ou seus antigos colegas?

Obviamente sabemos que, se isso de fato ocorreu, não foi nenhum drama shakespeariano em sua existência, pois optou rapidamente pelo mercado.

MARCADA PELO MERCADO

Em sua gestão o BB continuou acompanhando as tendências do mercado, praticando juros altíssimos, assédio moral, metas absurdas, adoecendo funcionários e acabando com os caixas, enfim, tudo que prejudica seus antigos colegas foi seguido fielmente. Contraditoriamente ela só segue as diretrizes mercadológicas em detrimento dos empregados. Por exemplo, nenhum outro banco cobrou horas negativas da pandemia, e o BB é o único que está cobrando de centenas de colegas valores absurdos, que podem chegar a mais de cem mil reais, ou seja, na contramão do mercado, só desta vez.

Se para os funcionários a opção pelo “deus com mão invisível” não foi a melhor, tampouco foi para o Banco. Verificamos que a mesma mão que a coloca na capa da Forbes e a leva para palestras, puxa para baixo o preço das ações do BB. “Espero que o mercado use a calculadora e analise melhor as nossas ações”, implorou no início do ano. Não adiantou, pois o mercado está com mais de oito bilhões de reais “investidos”, apostando em mais queda. Para isso utilizam-se de nomes de peso como JP Morgan e Goldman Sachs, que recomendam “cautela” e “neutralidade”, com as ações do BB. Logo elas que sempre orientam aos investidores comprar em baixa e vender na alta.

“As ações do BB (BBAS3) atingiram 11% de short interest em maio, equivalente a cerca de R\$ 8,55 bilhões em posições vendidas. Short Interest é o percentual de ações de uma empresa que estão sendo alugadas e vendidas a descoberto (operações em que os investidores vendem títulos que não possuem, apostando na queda de seu preço para recomprá-los mais tarde a um valor menor e lucrar com a diferença). Resumindo: apostam no insucesso da empresa.” explica **Jorge André**.

“De fato, notícias auspiciosas e sugestões positivas não atendem aos interesses de agentes que investem tantos recursos no fracasso da empresa especulada”, completa o diretor.



EXPECTATIVAS E FRUSTRAÇÕES

Portanto, falar de Banco do Brasil é falar de pessoas. Acredito fortemente que são elas que fazem a diferença em qualquer instituição. E aqui na nossa “Casa” não é diferente. Foram as pessoas que trouxeram o BB até aqui e são elas que o levarão nos próximos anos a patamares mais relevantes.”

Assim falou Tarciana em seu discurso de posse, portanto, as expectativas geradas pelos funcionários do BB a seu respeito, não foram infundadas. Mas ficou por aí, perdido no discurso o seu olhar para as pessoas do BB.

Apesar da ausência de diversidade e representatividade no BB serem um grande problema, estes, porém, não são o nosso principal infortúnio. O principal problema que ronda seus antigos colegas é o medo. Medo causado por metas absurdas, inexplicáveis e inatingíveis. “Não temos problemas com metas, desde que elas sejam factíveis”, alerta um colega, “o que não dá, por exemplo, é o Banco ser rigoroso com a concessão de crédito e mesmo assim aumentar esta meta, parece que estamos em empresas diferentes. Uma cobrando e outra negando o crédito, uma sensação horrível...”, lamenta.

As metas inalcançáveis geram cobranças absurdas, que se transformam rapidamente em assédio moral. Daí o medo e o adoecimento psíquico. Ou seja, perfeitamente alinhada com o mercado, uma vez que a categoria apresenta alta taxa de afastamento por licença-saúde, por motivos de

depressão, ansiedade e burnout.

“Metas inalcançáveis são internalizadas como falha pessoal (“preciso me esforçar mais”), não como problema estrutural”, nos ensina o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Portanto, antes mesmo da cobrança excessiva, que geralmente chega ao assédio moral, os funcionários já estão adoecendo, com um simples olhar para o injusto Conexão.

“De que adianta promover mulheres, negros, indígenas, PCDs, se a cultura da empresa não mudar? Vivemos com medo!”, dispara outro colega.

O MEDO

Passando pelas dependências do BB verificamos que a “Casa” não está muito diferente de outros tempos, quando os presidentes eram homens, brancos, héteros e de origem familiar nada humilde. O medo reina. Medo de não bater as metas, medo de tirar férias, medo de voltar das férias, medo da cobrança/assédio, medo de GDP, medo de GEDIP, medo de denunciar, medo de descomissionamento, vemos até medo de ser comissionado! Temos ainda, o medo de cuidar da saúde, enfim, um legado de medo, doenças e decepção. “Se tivesse optado por pessoas ao invés de números a história seria bem diferente.” lastima uma colega que preferiu não se identificar.

“Sabemos perfeitamente que o Banco é uma economia mista, um gigante que tem forte influência no sistema financeiro nacional e que, diferente dos outros bancos, temos ainda o SEST (Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais) e o TCU (Tribunal de Contas da União). Sabemos também que mudanças tendem a ser lentas e graduais, mas não podem demorar tanto, mesmo porque não temos nenhum aceno de que virão, principalmente no que tange às reais necessidades do corpo funcional do BB, nisso ela poderia atuar sem burocracia. Infelizmente, pelo que temos visto, é que a presidenta passará para os anais do BB simplesmente como a primeira mulher a assumir o cargo em mais de 200 anos. E só! Ela pode muito mais.” comenta **Julio Castro**, jornalista e diretor do Sindicato. “Olhar para os números é importante, mas o mais importante é olhar para as pessoas, pois elas é que fazem os números.” finaliza Castro.

Agro e BB, uma parceria nefasta

Inspirado pela máxima nazista de que uma mentira dita mil vezes torna-se verdade, o agronegócio nos bombardeou (muito mais de mil vezes) com a cantilena: “O Agro é POP”.

Mas o massacre midiático talvez não tenha alcançado o êxito esperado, já que são seus próprios parceiros, os grandes meios de comunicação, que mostram a triste realidade por trás da milionária campanha. Pois o Agro mata, desmata, envenena, polui, escraviza, financia tentativa de golpe e dá calote. Ocupando assim as páginas policiais, políticas, de meio ambiente, de bem estar, economia e finanças de maneira nada “POP”.

O poeta chileno Pablo Neruda em seu Canto Geral diz que os europeus trouxeram para a América a cruz, a espada e a fome. E,

apesar da distância de 500 anos, a única diferença entre os colonizadores e o agro, é que aqueles eram patrocinados por potências estrangeiras para cometerem atrocidades bem longe de seus territórios, enquanto estes são financiados por seu próprio governo para cometerem barbaridades em seu próprio país.

Infelizmente eles têm no Banco do Brasil, que nos tempos do império negociava com a escravidão, seu principal parceiro. Lembrando com isso o lamento de outro poeta, desta vez brasileiro, que dizia ver o futuro repetir o passado, num museu sem grandes novidades.

Infelizmente o Banco que deveria ser do Brasil, é o Banco de alguns brasileiros, veremos a seguir o quão nociva é a parceria BB e Agro:

Desmatamento

“Segundo o IBGE, a plantação de soja ocupa 45% de toda a plantação do país. A área para plantio aumentou em mais de quatro vezes nos últimos 30 anos. O que em 1993 eram 10,6 milhões de hectares, passou para 44,6 milhões em 2023. E, segundo a FAO (Organização da ONU para fome e agricultura), a agricultura é responsável por cerca de 50% do desmatamento global”, comenta **Marcos Rosa**, Diretor do Sindicato, funcionário do BB e estatístico. “É sempre bom lembrar que entre 70% e 79% da produção de soja está voltada para alimentação de animais engordados para abate e exportação. Em outras palavras, se o agro mata a fome de alguém, não é de humanos, muito menos de brasileiros.” Complementa Rosa.

Em abril do ano passado, ativistas do Greenpeace Brasil promoveram um protesto em frente à sede do Banco do Brasil em Brasília e pediram a revisão de seus contratos de concessão de crédito rural. A entidade argumenta que brechas e falhas na fiscalização têm permitido a disponibilização de recursos a propriedades rurais acusadas de desmatamento da Amazônia e alega que de 2018 a 2022, cerca de 800 fazendas embargadas pelo Ibama receberam crédito rural. “Embora o BB tenha revisto critérios socioambientais para concessão de novos créditos, além do estrago já feito, não foi o suficiente por ainda deixar dúvidas em alguns tópicos, segundo o Greenpeace.” finaliza o Sindicalista.

Poluição

O modelo de produção agroindustrial é baseado no monocultivo, no grande latifúndio e no uso ostensivo de agrotóxicos. Consome cerca de 70% dos recursos de terra e água do planeta, mas produz apenas 30% do alimento mundial e é responsável por 40% das emissões de gases de efeito estufa. “Nada menos moderno do que o chamado agronegócio brasileiro. Entre os séculos 15 e 19 esse tipo de exploração era chamada plantation, que tinha como principais características: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravo e voltada para exportação, e hoje sabemos o quanto degrada o meio ambiente.” relata **Eduardo Bulhões**, funcionário do BB, diretor do Sindicato, historiador e estudante de Ciências Sociais na UERJ.

Calote

O também diretor do Sindicato e colega do BB, **Alexandre Batista**, que é economista e mestre em Políticas Públicas, destaca: “Os grandes produtores rurais têm acesso a dinheiro fácil e barato, e mesmo não pagando, continuam com crédito na praça, muito diferente de nós trabalhadores.” Segundo levantamento do Serasa Experian, a inadimplência do setor em 2024 ficou em 7,6%, maior patamar dos últimos anos. Nos grandes produtores este índice chega a 10,2%. E mesmo assim, o Plano Safra deste ano pode chegar a 600 bilhões de reais. “Os pequenos e médios produtores não têm essas regalias, embora sejam eles quem coloquem, de fato, a comida em nossa mesa. O Brasil é muito maior que o Agro, este ciclo de interdependência entre Agro e BB, cria um círculo nada virtuoso, que é extremamente prejudicial, não só para a empresa e seus funcionários, mas também para o país”, arremata Batista.



REPÓRTER BRASIL

APOIE

ESPECIAL

Latifúndio e expansão do agronegócio acirram conflitos no campo

Trinta e oito pessoas assassinadas e mais de 4.500 libertados do trabalho escravo engrossaram os números da violência no campo em 2005. Trabalhadores rurais, comunidades tradicionais e indígenas são os principais alvos

POR FABIANA VEZZALI

03/08/2006



Escravidão e Morte

“A luta pela terra no Brasil começou quando os europeus chegaram aqui dizendo que tudo era deles. Eles quase que literalmente passaram por cima dos povos originários, matando e escravizando sem distinção. E a partir daí não parou mais.” Nos diz **Roberto André**, advogado, historiador, diretor do Sindicato e também funcionário do BB. Para Roberto, o fato de o Brasil ter sido o último país do mundo a abolir a escravidão, deixou marcas profundas em nossa sociedade, “sentidas até hoje”. E continua, “um triste exemplo disso é que em 2023, mais de 1 milhão de brasileiros viviam em situação de escravidão contemporânea, segundo a organização Walk Free.

Conforme dados do Ministério do Trabalho, dos 57.041 trabalhadores resgatados de trabalho análogo à escravidão nos últimos 30 anos, quase 90% foi na área rural.” E para demonstrar o atraso do setor, utiliza dados do Centro de Documentação “Dom Tomás Balduino” da Comissão Pastoral da Terra (CPT): “Só em 2024 foram documentados mais de 200.000 conflitos por terra no país, foram 272 ameaças de morte, 103 tentativas de assassinato e, infelizmente, 13 óbitos. Uma vergonha! O Brasil não pode conviver com isso.” termina Roberto.

Envenenamento

O Brasil é líder mundial no uso de agrotóxicos. Segundo dados da FAO, em 2022, o país foi responsável por 22% de todo o volume global de agrotóxicos utilizados na agricultura, mais do que China e EUA juntos. “Isso porque mais de 400 pesticidas permitidos no Brasil são banidos ou restritos na União Europeia e nos EUA.” Alerta **Luciana Vieira**, colega do BB, socióloga e também diretora do Sindicato.

Os grandes produtores pressionam, de um lado o poder Legislativo por leis brandas com relação aos agrotóxicos e de outro o governo, pela isenção fiscal para comprá-los, ou seja, envenenam nossa mesa com nosso dinheiro. Isso sem contar com os bilhões em incentivos fiscais, isenções ou crédito fácil que os grandes agros recebem.

“Em 2024, por exemplo, o MST doou mais de uma tonelada de alimentos limpos, saudáveis, livres de agrotóxicos e produzidos em harmonia com o meio ambiente. Estamos falando de alimentos produzidos por famílias assentadas que enfrentam dificuldade de acesso à terra, à tecnologia e ao crédito — e ainda assim abastecem feiras populares, cozinhas solidárias e escolas com comida de verdade.

Segundo levantamentos da própria CONAB, a agricultura familiar, responsável por cerca de 70% dos alimentos que chegam à nossa mesa, recebe uma fração dos recursos do Plano Safra, enquanto o agronegócio consome a maior parte e ainda dá calote.” completa a colega.

Frustração

No primeiro trimestre de 2025, o Banco do Brasil alvoreçou o mercado quando apresentou um lucro líquido ajustado de “apenas” R\$ 7,3 bilhões, algo em torno de US\$ 1,4 bilhão, isso porque houve uma queda em relação ao 1 trimestre de 2024. O mercado espera muito mais de um banco brasileiro. Dois fatores foram responsáveis pela frustração do mercado. A resolução da CMN, que obriga a contabilizar possíveis perdas, e a inadimplência do agronegócio.

“Apesar da presidenta do BB informar não existir crise no agronegócio brasileiro, por tratar-se apenas de 210 clientes, o estrago já está feito e a inadimplência do agro consumiu parte de nossa PLR.”, diz nosso colega **Jorge André**, economista e Diretor do Sindicato. Porém, ele salienta que no mesmo dia o Vice-Presidente de Controles Internos e Gestão de Riscos, deixou escapar “Apesar de uma safra recorde, produtividade recorde no campo, ainda há uma dificuldade de geração de margem pelos nossos clientes isso, obviamente, redundando em atrasos e dificuldade de pagamentos [...] por outro lado tem um novo Plano Safra que também é lançado por agora, o que acaba atraindo estes clientes para fazer sua regulação para ter acesso ao crédito nas próximas safras. Espera-se com isso, reverter grande parte dessa inadimplência.” Ou seja, “Pagam quando querem. O agro não poupa ninguém!”, encerra Jorge.

“Estamos diante de dois projetos. Um que concentra terra, destrói florestas e envenena populações, muitas vezes com aval e financiamento público — e outro que cuida do solo, distribui renda e produz vida. Precisamos escolher de que lado da história queremos estar. O Brasil precisa de reforma agrária, não de veneno subsidiado com recursos de um banco público.”, finaliza a colega Luciana Vieira.

SAÚDE X RESULTADO

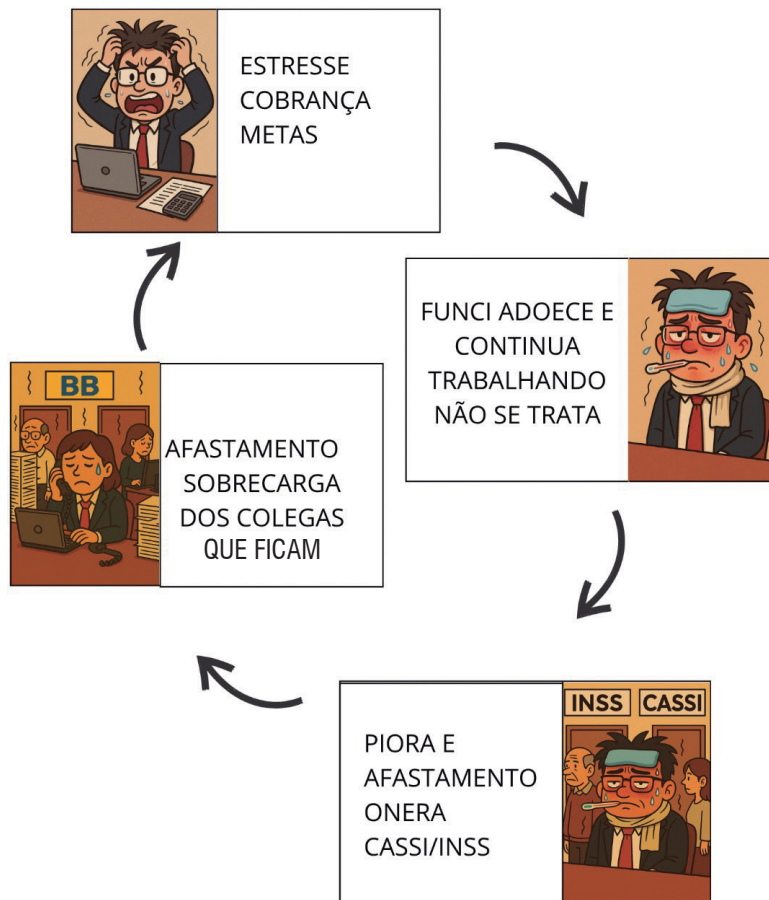
A colega **Rita Mota**, que é diretora do sindicato e formada em Psicologia e Política e Sindicalismo Internacionais, lembra que o estado de saúde dos funcionários piorou bastante quando o Banco acabou com a Vice-Presidência de Gestão de Pessoas e o que restou ficou subordinado à Vice-Presidência de Varejo.

“A partir daí a pressão que já existia, aumentou ainda mais. Foi quando o resultado preponderou sobre as pessoas e a saúde ficou em segundo plano.” Embora a estrutura organizacional tenha mudado, “a cultura permaneceu, e o modelo de gestão ainda não foi repensado, prejudicando muito a saúde física e mental dos funcionários.” Acrescenta Rita.

A gerência geral, por exemplo, participa em média de 6 grupos de WhatsApp em seu telefone corporativo, além do TEAMS, que está sempre ligado. Em ambos os aplicativos as mensagens não param de chegar durante o dia cobranças por todos os lados. Sem contar com as reuniões, presenciais ou virtuais, coletivas ou individuais, “no mínimo uma por dia!”, enfatiza um colega, elas não duram menos de 40 minutos cada.

Com os gerentes de relacionamento o quadro é quase o mesmo, e nas PSOs, a redução drástica de funcionários, acarreta acúmulo de trabalho e de cobranças, “Trabalhar com dinheiro exige atenção e cuidados permanentes. É natural haver tensão. Acontece que, além dessa função de extrema responsabilidade, o funcionalismo das PSOs trata, hoje, de diversas tarefas.

Além de ambiência, pessoal terceirizado e outras rotinas das agências, convive-se com a necessidade de oferta de produtos. Essa é a razão pelo cres-



cente número de casos de saúde de nos quadros das PSOs.” nos diz **Sérgio Gramático**, jornalista e diretor do Sindicato.

O descaso do BB com a saúde não prejudica somen-

te os funcionários, a CASSI também é afetada, já que um de seus pilares é a prevenção de doenças através da Atenção Primária à Saúde (APS), até mesmo como forma de eco-

nomia e manutenção da caixa de assistência, já que consultas e exames regulares são muito mais baratos que cirurgias e internações.

O Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO), o Exame Periódico de Saúde (EPS) e SES-MT (Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho), aparentemente não passam de siglas para o BB, já que os mantém apenas por exigência legal, o mínimo possível.

Temos ainda a dificuldade de liberação para efetuar os exames do EPS, pois embora emita-se a guia para que sejam feitos, eles são opcionais, e com isso não há obrigatoriedade para que os funcionários sejam liberados durante o expediente. Com isso a premissa de prevenção vai por água abaixo, uma vez que a avaliação médica é feita sem os exames, somente para cumprir a lei e a meta.

CASSI EM PERIGO

O Banco onera nossa Caixa de Assistência o quanto pode em nome de uma lucratividade perversa.

Primeiramente vem o adoecimento com excesso de trabalho, excesso de cobranças e metas absurdas. Depois em negligenciar os exames preventivos. Depois em reduzir sistematicamente sua participação como patrocinador. E, finalmente, com a redução de salários, com o programa Performa, por exemplo, uma vez que colaboramos com percentual de nosso salário, a medida que ele reduz, reduz o repasse a CASSI. Ou seja, quanto mais lucro, menos saúde.